

LUCAS CASSULE

LITERATURA ERÓTICA ANGOLANA

AFROEROTISMO EM CONTOS

EDIÇÃO DE OURO | COLEÇÃO COMPLETA



Fênix acordou um pouco mais tarde, assim que amanheceu. Não fora treinar naquele dia, não no seu horário habitual. Tomou o café da manhã pensando nele. Enquanto comia o seu pão com queijo e salada, na mesa, vasculhava no Facebook, procurava pelos Yamis que encontrava, a ver se algum perfil se parecia com o seu homem. Praguejou-se por não ter pedido o nome completo do indivíduo. Será um Yami quê, da Costa Oliveira? Ribeiro? Kanganjo? Não, Kanganjo não casa com ele, não soa bem nem gosto. Deve ser Yami Vasconcelos? Ponderou ser um Vasconcelos, pelo seu perfil, todo arrumado, parece um diplomata. Procurou no Facebook, não havia nenhum Yami Vasconcelos. Depois lembrou-se, muita gente troca os nomes nas redes sociais. Desistiu.

“Uma pessoa do estatuto dele certamente tem um *fake* perfil. Merda!”

À noite, Fênix voltou a surpreender a Ângela, mas desta vez apareceu mais cedo, às sete, e vestida de roupa desportiva.

— *Boss*, por aqui?

— Sim, Ângela, como vês, não é o meu fantasma, sou eu mesma, de carne e osso.

— Sim, mas para treinar?

— O que achas?

Fênix balançou a toalha e voltou a atirá-la no ombro. Olhou para o centro de treinamento, entre as vidraças. Ângela

percebeu a ansiedade da empresária, ficara realmente apanhada por aquele homem.

— Ele chega um pouco mais tarde, penso que em quarenta minutos já está por aí.

— Ângela, te tornaste adivinha agora?

— Desculpa, minha *boss*, pensei que... — reparou no olhar corado da patroa — deixa para lá.

Fênix avançou até o ringue, dirigiu algumas palavras ao *personnal trainer* e começou a fazer aeróbicas. Ângela espreitava, incrédula, o amor muda as pessoas. Mas que amor, sua estúpida, os dois mal se conhecem, disse para si mesma. E voltou a sentar-se na cadeira.

Quando aquele homem chegou, já tinha passado meia hora das oito, Fênix estava aborrecida, treinava já muito abaixo do seu nível de entrega. Tinha até tomado a decisão de interromper, quando se virou para trás, estava aí.

— Boa noite, senhora.

— Boa... Noite — A voz da moça ecoou com um certo nervosismo. Yami nem percebeu, sorriu para ela e avançou para outro canto. Havia outras pessoas a treinarem, mulheres e homens, mas isso não interessava. Fênix fez uma paragem, acompanhou os passos do cavaleiro, mas depois, quando o jovem voltou-se para ela, fingiu que estava a beber água e com atenção em outro lugar.

Mais tarde rendeu-se, deixou de fingir que ainda treinava e caminhou em direção a ele. Só ali reparara nas suas poucas barbas grisalhas, barbas e cabelo. Aproveitou o momento em que o mesmo decidira trocar de ferramenta e lhe dirigiu palavra:

— Eu sou a Fênix, Telma Fênix. E o senhor?

— Yami Ricadino. A senhora é a dona deste estabelecimento, certo?

— Sim, como soube?

— Já conhecia o nome, faltava associa-lo à pessoa.

— Ah, ok. O senhor vem treinar muito tarde, não?

— Só às quartas e às quintas, nestes dias largo um pouco mais tarde. Se importa?

O homem apontou para a barra, um pouco mais afastada dele, não queria parecer mal-educado, mas precisava continuar a rotina. Pousou o minúsculo peso de musculação de braços no chão e limpou o suor com a toalha.

— Não demoro nada, faço apenas três séries de dez, hoje vim só para aquecer.

— Faça as honras, vou ficar aqui a apreciá-lo.

Yami voltou a fitá-la de soslaio, não entendeu aquele comentário, ou pelo menos fingiu que não entendeu. Fênix reparara o quão bem dividido estavam os músculos dele, nem parecia já kota. Todos os *tríceps* e *bíceps* feitos à medida e bem

torneados. Sentiu o suor tresandar-lhe a pele por baixo das cuecas, aquilo era demais.

— Pronto, já está. Nem acredito que fez mesmo jus à sua promessa.

— Eu disse que ficaria aqui a assisti-lo e cumpri.

— Mas por quê?

— Acho-o interessante.

Yami baixou o rosto, afastou um pouco as mãos, tentando escondê-la. A moça apanhou um choque, ficara tão perdida na beleza do homem que nem reparara naquele pormenor importante.

— Ah, é casado.

A observação saiu em tom brando. Perdera as forças?

— Bom, digamos que sim.

— É ou não é?

— É uma história um pouco longa e não gostaria de falar sobre isso.

— Entendo.

— Perdão.

— Não faz mal, está tudo bem.

— Boa noite, senhora Fênix.

— Boa noite, senhor Yami.

— E parabéns — voltou-se para o estabelecimento e passou um olhar à volta — a senhora tem um espaço acolhedor.

— Ainda bem que gosta.

Yami sorriu, um sorriso educado e afastou-se como um cavalheiro. Fênix lembrou-se o quanto já tinha rompido as barreiras. Essa noite não pode ficar só por aqui. Recolheu também os seus pertences e avançou. Despediu-se rapidamente da Ângela, sequer entrou, espreitou e disse rapidamente: amanhã, voltou a fechar a porta atrás de si.

— E a história pode ser contada em quantos cafés?

Yami voltou-se, já tinha aberto a porta do carro, pronto a entrar... mas por aquela o homem não esperava.

— Dois cafés, mais ou menos. Deve bastar.

— Sábado?

— Calma aí, talvez a história não seja tão interessante assim.

— Deixa eu mesma tirar ilações. Onde vive?

— Morro Bento.

— Opah, longe daqui! E porquê treinar tão longe?

— Trabalho na baixa da cidade e o seu estabelecimento fica no caminho. Além disso, gostei do primeiro atendimento. Gostei e fiquei.

— Vou ter de aumentar o ordenado do meu pessoal.

— Eu acho bem.

E os dois riram. Yami parecia um pouco embaraçado, mas mantinha a cordialidade, um grande *gentleman*, Fênix notara, sentira-se ainda melhor perto dele. A simplicidade do homem era um bônus à sua beleza.

— Bom, aqui está o meu contacto.

Yami retirou um cartão do envelope e o estendeu para a nova amiga.

— Doutor Yami Ricardino Mp... Um dentista? — A expressão foi de dúvida, não, de surpresa mesmo, tinha pensado em tudo menos isso.

— Sim, isso e outras coisas sem interesse.

— Ainda bem, estava mesmo a me faltar isso na lista de amigos, um dentista.

E a gargalhada desta vez fora espontânea e aguda. Ângela chegara até à porta para conferir se estava tudo bem com o seu cliente. Ao que Yami aproveitou a deixa para despedir-se e avançou com a viatura. Fênix sorriu para a amiga, mas desta vez não escondeu a satisfação nem o interesse que tinha por ele.

Fênix reservara um jantar numa sala singular e uma suite. Tinha dito a si mesma que o primeiro encontro deles seria uma loucura. Não me importo se o gajo é casado, safoda, aceitou o café, aguenta o resto das consequências. Yami chegou

às sete e meia, Bessangana Hotel, Morro Bento, ela escolhera um lugar mais próximo do dentista. O homem só descobriu quando fora encaminhado para o lugar secreto que a anfitriã já lá estava. Usava uma exuberante máscara veneziana, branca e dourada, o que despertou a sua atenção. Estava com uma taça de *champagne* nas mãos, pousou-a logo que o viu e levantou-se.

— Ena! Uma mulher angolana que chega cedo e ainda por cima tão elegante?

— O assusta?

— Encanta-me.

Os dois abraçaram-se. O dentista sentiu o doce do perfume da moça, ela o dele, amadeirado. Yami tinha vestido um *terno* azul, sapatos castanhos, assim o era também a cor do cinto de couro. Fênix estava de vermelho, um abusivo vestido vermelho com decote assimétrico de apenas um braço. Estava irresistível. O dentista voltou a reparar a tatuagem que o marcara naquele primeiro dia no ginásio, uma flor negra no cimo do ombro direito, é um homem que ama tatuagens bem-feitas no corpo de uma mulher. Um apreciador de arte.

— Nem mesmo uma mulher resistiria a isso, uma mulher igual a si não resistiria a tanta elegância, sabia?

— Acha?

— Ainda que eu fosse uma mulher, aceitaria um beijo seu, estando desse jeito.

— Você quer um beijo?

A moça sentou-se e retirou a máscara do rosto e pousou-a ao lado, cruzou as pernas, uma racha longa sobressaiu como um rasgão do vestido, exibindo a enorme coxa.

— É uma forma de falar. Você me entende, é claro que me entende.

E pela primeira vez Fênix reparara que o doutor parecia inseguro e constrangido com a sugestão. Yami pensou, acho que não usei uma observação adequada. Sentira remorsos, mas sentou-se igualmente e assistiu a moça fazer sinal ao garçon.

— O que vai ser?

— Vou segui-la, penso que começo com o *champagne* também.

— Pronto. Vou pedir a garrafa.

O garçon trouxe a garrafa, um laço vermelho enfiado num balde de gelo. Serviu a segunda taça e entregou ao Yami.

— Muito obrigada. Depois chamamos para pedirmos mais alguma coisa. Olha, Yami — virou-se para o doutor, reparou que ele estava muito afastado dela, encostou mais um pouco, estavam sentados num sofá em L, largo, de couro, havia uma mesa na frente onde pousavam as taças, uma mesa de madeira e uma outra pequena de apoio ao balde de gelo, este parecia de metal pintado a negro —, deixemos de formalidades, tudo bem?

— Tudo bem. Combinado.

— Tratas-me por tu que já está bem.

— Ok, tu!

— Olha, não sabia desse teu lado comediante.

— Veja, este é o nosso primeiro encontro.

— Lá isso é verdade, há muito por aprender das duas partes. Queres que peçamos já alguma coisa para comer, algumas entradas?

— Sim. Uns camarões já seriam muito bons para abrir o apetite.

— Pronto, vai ser isso para nós os dois.

Yami não conseguia entender como fora parar naquela suite, não, conseguia sim, a conversa estava tão boa, a da história de vida dele e beberam bastante também. Depois vieram outras histórias de ambas as partes e quando deram por eles, já tinham trocado o primeiro beijo que foi tão intenso como se o tivessem desejado numa vida passada. Fênix segurou-o nas mãos e o conduziu até ali.

— Tu realmente pensaste em tudo isso, não é mesmo?

— Digamos que eu seja aquela mulher que quase sempre consegue o que quer.

— Mas não estás preocupada que estejamos a ir rápido demais?

— O tempo é agora, querido. O amanhã não existe.

Ela tem toda a razão, ninguém conhece o dia de amanhã, encostou-a mais para si e beijou-a, um beijo de cumplicidade, como se já tivessem criado aquele laço há algum tempo, como se já houvesse aquela intimidade. O casaco do homem já estava no chão, os músculos do seu corpo perfeito desenhavam-se na camisa azul-claro, Fênix reparara neste detalhe e ficou ainda mais ansiosa. Os dois se esfregavam e a energia se espalhava rapidamente entre os corpos, a volúpia tomava conta do corpo da Fênix que viu seu vestido ser retirado aos poucos, baixando até soltar-se do corpo. Yami ainda ficou pasmado com o que viu no corpo nu da mulher, fez uma pausa, deu um longo suspiro e depois beijou a *tattoo* no ombro, percorreu o pescoço, voltou-se para trás e desatou o *soutien*, vagaroso, paciente. Depois voltou a depositar um beijo na boca dela, entrelaçaram as línguas e a ternura alcançou as profundezas das duas almas que se preparavam para fundir-se. A dama tinha um doce veneno nos lábios, Yami reconheceu, os seus lábios carnudos e rosados eram singulares, mas ela também pensou no mesmo ao receber os beijos. São venenosos e perigosos, Fênix disse no seu interior. Aos poucos foram-se aproximando da cama, deitando-se logo depois em câmara lenta, sem deslocarem os beijos.

Yami já estava sem o cinto e com o tronco nu, os dois pareciam não ter pressa de cometer o crime, o lume nunca antes aceso avolumara-se demasiado, pronto para explodir tórridos prazeres, mas agiam como duas pessoas maduras, comedidas, aproveitando os espaços e o tempo.

Enquanto percorria aquele corpo largo e esbelto, o dentista apreciava cada enfeite, as tatuagens que adornavam o corpo, tornava-o ainda mais belo. O homem contava as figuras enquanto as beijava, as lambia e as idolatrava. “Maktub” na parte inferior de uma das xuxas escrito em árabe, ele lembrara que enquanto conversavam lá fora mencionara Paulo Coelho, “Never give up” no cimo da xuxa direita, também um belíssimo golfinho negro com estrelinhas coloridas no lado direito do ventre, próximo ao fundo do umbigo...

Leia a história completa no livro físico, disponível nas livrarias: Kiela, Komutú, Livrus ou através dos serviços de entregas pelo WhatsApp +244 919 146 296. Fora de Angola adquira na Livraria Boa Leitura (Leiria-Portugal) ou na Amazon.

Conto gratuito do livro: <https://www.esobreler.ao/obra/sobre/161>

FEEDBACK

